

## **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

*O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.*

### **Virtude & Formosura: Um Olhar Sobre o Feminino no Romance de D. Teresa**

**Margarida da Silva e Orta**

Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior<sup>1</sup>

#### **Resumo**

Este trabalho busca analisar as questões das relações de gênero, centrando-se num dos romances fundadores da literatura luso-brasileira: *As aventuras de Diófanos*, de Dona Teresa Margarida da Silva e Orta, tida como a primeira escritora “brasileira”. Mulher que conviveu no seio da Ilustração portuguesa, em sua obra, apresenta uma nova percepção dos papéis femininos na sociedade lusitana do Antigo Regime, repensando a importância da educação nesse contexto.

#### **Palavras-chave**

Diófanos; Hemirena; Mulher; Romance; Teresa Margarida

#### **Corpo do texto:**

A obra *Aventuras de Diófanos* é um marco fundamental na história da literatura em língua portuguesa. A sua autora, D. Teresa Margarida da Silva e Orta foi pioneira na defesa da mulher e na luta pela igualdade entre os gêneros. Na presente comunicação, pretendemos apresentar algumas das conclusões obtidas acerca das idéias inovadoras que caminham pelo romance, porém sem nos esquecermos que D. Teresa Margarida é uma mulher de seu tempo, sendo, logo, influenciada – e limitada – por ele.

Antes de iniciarmos nossa análise, gostaríamos de apresentar um resumo do enredo do romance. Para a melhor compreensão, segue um quadro que apresenta os nomes das personagens e os seus disfarces.

---

<sup>1</sup> Aluno do 6º período do curso de graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista do CNPq.

<b>Identidade Verdadeira</b>	<b>Posição Social Verdadeira</b>	<b>Disfarce Assumido</b>	<b>Posição Social do Disfarce</b>
Diófanes	Rei de Tebas	Antionor	Velho Sábio Leproso
Climinéia	Rainha de Tebas	Dalmira	Velha Acompanhante de Belino
Hemirena	Princesa de Tebas	Belino	Um Jovem Viajante
Arnesto	Príncipe de Delos	Albênio	Um Jovem Naufrago Viajante

Uma vez esclarecida as relações entre as identidades reais e os disfarces, cabe apresentar um resumo da obra. Os membros da família real tebana viajavam para Delos quando são abalroados por piratas, depois disso se separam e assumem novas identidades, tendo em vista lidar melhor com as situações que se lhes apresentam. Começa, então, uma série de desventuras, até que eles finalmente se reencontrem e possam retornar para casa.

Este romance vai abordar de forma inusual a questão do papel da mulher no Portugal do Antigo Regime. As propostas da romancista vão por vezes chocar-se contra o projeto normatizador que aquela sociedade desejava aplicar à mulher, mas, em alguns momentos, tenta enquadrar-se nele. O texto de D. Teresa Margarida é voltado para um público específico: as mulheres da Corte. Muito provavelmente, ela deu tal direcionamento ao seu romance por serem as mulheres pertencentes a esse segmento social as únicas a terem oportunidade de adquirir alguma instrução, mas também pelo desejo de combater os excessos e a ignorância dessas mulheres .

A sociedade portuguesa do Antigo Regime era do tipo patriarcal e misógina; às mulheres restavam poucas formas de exercitar a opinião própria e muito pouca chance de liberdade da tutela masculina. O corpo feminino era visto como uma versão deformada do corpo masculino, mas, além de qualquer coisa, algo incompreensível e envolto em mistérios. O fortalecimento do cristianismo levou ao abandono da hipótese galênica, segundo a qual a mulher deveria satisfazer sua *madre* para que esta lhe deixasse em paz, e também à busca de uma explicação mais adequada. A saída foi ligar a sexualidade feminina à ação demoníaca. A única forma de controlar essa nefasta influência que agia de forma constante sobre as mulheres seria submetê-las à fé verdadeira e mantendo-as castas ou casando-as e constituindo família, ou seja, fazendo

delas mães. Dessa forma, criou-se um sistema que buscava normatizar, através da maternidade, a existência feminina nos mínimos detalhes, reprimindo duramente todas aquelas mulheres que por um motivo ou por outro não se enquadravam nele<sup>2</sup>. Percebemos, ao longo do texto, que as opiniões da romancista vão, até certo ponto, alinhar-se com tal projeto. O objetivo do romance de D. Teresa Margarida, cujo propósito é claramente pedagógico, é instruir aquelas mulheres de forma que possam enquadrar-se nos modelos comportamentais desejados pela sociedade. Essa é a proposta dela, mas apenas num primeiro plano.

Ao escrever sobre o decoro e o recato, D. Teresa Margarida tinha em vista a mulher quando integrada na sociedade. E isso só era possível através de um mecanismo social fundamental para o Portugal da época: a *família*. Era na família que a normatização do feminino alcançava seu ápice<sup>3</sup>. Isso se dava porque, para ocupar seu papel na *família*, a mulher deveria seguir uma série de regras e normas. Os grandes papéis reservados à mulher na família eram os de mãe ou de filha. Tal proposta era mais reforçada quando se referia às mulheres da nobreza, uma vez que essas deveriam servir de exemplo. A mulher, na verdade, seria a responsável pelo funcionamento da *família*, fosse ele bom ou ruim. Para D. Teresa Margarida, a *formosura*, aliada aos vícios, seria o maior perigo, sendo tal combinação mais frequente nas Cortes. Uma das maiores críticas presentes no romance é direcionada àquelas mulheres da Corte, que, ao invés de buscar *ilustrar-se* a fim de dignificar com o seu exemplo, dedicam-se a atividades fúteis e que podem acabar por incitar ao surgimento de paixões. Tal idéia evidencia-se no exemplo a seguir:

“Qual é o pior trabalho das mulheres na Corte (perguntou Barnélia)? A eleição das cores, com que pintam a formosura (respondeu Delmetra), pois gastam a maior parte do dia em contínuas transformações, sem chegarem a conhecer que o natural lhes está melhor; [...] e sem parecerem de manhã as que são à tarde, não têm mais constante estado que em conservarem aquela indiscreta opinião [...] Há mulheres na Corte, que em oitenta anos, que viveram, nunca tiveram mais aplicação que a dos seus enfeites; e é cousa lastimosa que deixemos de enriquecer-nos dos conhecimentos necessários com a leitura de bons livros, que são companheiros sábios de honesta conversação. Nós não temos a profissão das ciências nem obrigação de sermos sábias; mas também não fizemos voto de sermos ignorante [...]”<sup>4</sup>

<sup>2</sup> DEL PRIORE, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino. *Revista Brasileira de História*, São Paulo (37): 179-194, set. de 1999.

<sup>3</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>4</sup> ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanes*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, p. 64-67.

Na opinião da autora, é na ociosidade que surgiria a oportunidade para a mulher envolver-se em situações que atentariam contra sua honra e decoro. Estando ela ocupada, além de evitar os maus hábitos e pensamentos ruins, estaria contribuindo para o enobrecimento de sua família e do reino. Ainda mais se ocupasse seu tempo não apenas com trabalhos, mas também com leituras edificantes.

A *formosura* feminina surge como um perigo para os homens e, ao mesmo tempo, também para as próprias mulheres. Isso porque uma vez dominados pelas paixões, os homens seriam capazes dos atos mais impensados para satisfazerem os caprichos de suas paixões, podendo por em risco até mesmo Estados inteiros. Nesse contexto, ser portadora de *formosura* acabava por ser mais um castigo do que uma dádiva. Com efeito, Delmetra reflete sobre a situação de sua filha quando do exílio, dizendo-lhe: “lembravam-me as desgraças, que te podiam acontecer, os riscos, a que podiam conduzir-te os dotes da natureza”.<sup>5</sup>

Nessa conjuntura era de grande interesse da “mulher de bem” evitar tais arroubos. Sua grande arma nisso seria o recato. A mulher que se oculta das vistas masculinas ou esconde seus traços femininos faria com que não houvesse motivos para o surgimento das paixões. De fato, por todo o romance vemos o recato ser exaltado nas mais diversas situações e nas máximas das mais diversas personagens. Podemos ver nessa ação repressiva contra os “perniciosos” traços de feminilidade um triunfo da normatização do feminino.

Quando acometida pela paixão, uma pessoa sofreria dos piores males. Uma vez que esse sentimento surge de forma impura, só pode conduzir a sua *vítima* a um fim torpe e sofrido. Logo, seria do interesse de todos lutar para evitar-se tal fim trágico. Aqui, estampa-se o poder das paixões sobre os indivíduos, segundo a mentalidade setecentista. A paixão seria capaz de enganar até os indivíduos mais puros e corretos. Isso se daria porque ela só representaria a possibilidade de realização dos desejos mais íntimos e, por muitas vezes, aqueles que devem ser mais evitados. Se poderia exercer tanta influência nas pessoas honestas, imagine-se o mal que não faria naquelas pessoas dadas aos vícios? Dessa força arregimenta-se mais um motivo para controlar e evitar-se a todo custo as paixões. Porém, não se rejeita o amor entre homem e mulher no romance de D. Teresa Margarida. A grande luta da autora é contra o domínio das paixões, uma vez que essas eram movidas pela lascívia e pelo pecado, incitando os indivíduos aos

mais torpes atos para satisfazê-las. Diófanos e sua família pregam a experiência de um amor regrado, sentimento esse que surgiria da admiração do recato e do respeito às regras da boa conduta. Seria um afeto quase assexuado, preocupado mais em zelar pela felicidade do outro, felicidade essa alicerçada nos preceitos das *Luzes*. Assim o romance registra as seguintes palavras: “Eu amo em Antionor as virtudes, que nele resplandecem, e não sou nesciamente, como Narciso era de si namorado”<sup>6</sup>.

Cabe ressaltar um dos momentos em que D. Teresa Margarida desvia-se do plano português para o feminino. Segundo seu raciocínio, a mulher só seria perseguida e atacada uma vez que se voltasse contra os modelos comportamentais dela exigidos na sociedade portuguesa do Antigo Regime. Sendo assim, quando a mulher se comportasse de acordo com o esperado não haveria necessidade de um maior rigor por parte do seu marido ou tutor. Logo, dentro do pequeno espaço que era o lar, uma vez relaxado o controle da figura masculina, a mulher experimentaria uma certa liberdade de ação. Restrita e tênue é verdade, mas ainda sim liberdade. Em função disso, conclui-se no romance: “porque se advertirem que não são isentos de naufragarem na Estúgia, ordenarão bem as suas ações; e as mulheres, que desempenharem as obrigações de seu estado, irão a descansar nas odoríferas sombras dos Elísios”<sup>7</sup>.

À portuguesa setecentista, restavam duas possibilidades de vida aceitas pela sociedade: a reclusão religiosa e o matrimônio. Em ambas as opções, não se dava às moças o direito de exprimir qualquer opinião a respeito de seu futuro. Dentro da família portuguesa setecentista, cada membro tinha um papel específico, que deveria ser seguido à risca, a fim de garantir o bom funcionamento dessa instituição social. A portuguesa do Antigo Regime era responsável pelo bom andamento do ambiente doméstico, sendo de sua responsabilidade, portanto, coordenar ou mesmo executar os serviços domésticos da melhor forma possível. Mas além dessa tarefa, era-lhe reservado algo que tinha uma importância primordial para o próprio império português: a educação dos filhos. Essa educação deveria primar tanto pelas *primeiras letras*, quanto por transmitir os modelos sociais exigidos pela sociedade portuguesa de então. Os filhos então estavam relegados em tempo praticamente integral aos cuidados da mãe. A preocupação com a educação da prole é tema central em *Aventuras de Diófanos*:

---

<sup>5</sup> Ibidem, p.172-173.

<sup>6</sup> Ibidem, p.149.

<sup>7</sup> Ibidem, p.76.

“Vós sabeis, ó Delmetra, o cuidado, que deve dar a boa educação dos filhos, porque nos meninos, como cera branda, tudo se lhes imprime; e que se os maus costumes têm as raízes na educação, raríssima vez deixavam de ser os frutos monstruosos”<sup>8</sup>

Esse trecho da conversa entre Almerina e Delmetra traz à baila uma das preocupações primeiras sobre a educação dos pequeninos. Tinha-se a concepção de que as crianças – bem como as mulheres – possuíam uma inferioridade mental em relação aos homens<sup>9</sup>. Essa debilidade nas crianças era mais perigosa, uma vez que eram altamente susceptíveis à influência externa. Sendo assim, seria fácil corrompê-las através de maus ensinamentos, porém a boa educação seria capaz de guiar-lhes pela boa vereda. É certo que muitas vezes nem a melhor educação pode sobrepor-se à má índole. Por tudo isso, era necessário resguardar as crianças do contato com estranhos, uma vez que estes poderiam exercer uma influência maléfica e talvez permanente na prole. Tarefa exclusiva das mães, a educação exigia destas uma série de posicionamentos sociais e morais. Uma das principais armas na pedagogia familiar era o exemplo. Segundo o pensamento da época, o exemplo facilitava a assimilação da máxima que se pretendia ensinar. Logo, a preocupação com o exemplo tornava-se uma questão central do universo feminino. Tal preocupação colaborava de forma indireta para a manutenção do decoro e, por conseqüência, do projeto normalizador vigente na época. A mulher ficava assim comprometida a uma eterna vigilância não apenas de si mesma, como também de todo o universo doméstico.

Outra questão no que se refere ao exemplo tange a questão das práticas diárias para obter a subsistência. Tentava-se incutir nas crianças noções de moral, respeito e toda uma sorte de modelos morais. Todo esse esforço tinha por objetivo construir um súdito que respeitasse os padrões morais dele exigidos – e isso poderia ser destruído se a criança fosse submetida a exemplos que justificassem à má ação. Por isso, uma personagem ditava essa máxima: “nunca a pobreza deve fazer tão violento efeito no sofrimento das mulheres, que hajam de obrar ação indigna; porque o mal da pobreza remedeiam os bons; e o descrédito nem a emenda o cura”<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 82.

<sup>9</sup> FURQUIM, Tânia Magali Ferreira. Aventuras instrutivas: Teresa Margarida da Silva e Orta e o romance setecentista. Unicamp: 2003 [Dissertação de Mestrado].

<sup>10</sup> Ibidem, p.76.

Como dissemos anteriormente, era também responsabilidade das mães preparar os mais jovens nas primeiras letras. Nesse ponto situam-se os motivos para as críticas da romancista lusa. Sendo responsabilidade materna educar esse futuro membro do império português, como a mãe poderia fazê-lo se ela própria recebera pouca ou nenhuma instrução? A instrução da mulher, bem como o feminino em si, sob a ótica das *Luzes*, tomou rumos os mais variados e, por vezes, também controversos. Consideremos primeiramente Rousseau, um dos grandes expoentes do pensamento iluminista. Para ele, a mulher era naturalmente um ser inferior ao homem em todas as questões. De fato, biologicamente ele considerava a raça humana igual, porém a força masculina concederia aos homens a supremacia, restando para a mulher apenas abrigar-se na sombra desses. Privadas dessa força viril, o único recurso que lhes restaria seria valer-se de atributos de segunda grandeza, como era o caso da sedução. Já Mathias Ayres, irmão de D. Teresa Margarida, via a humanidade totalmente igual, sendo as diferenças meramente ilusórias. Partindo desse princípio de igualdade, ele buscou denunciar, ainda que de forma sutil, os abusos cometidos pelos portugueses contra as mulheres, lembrando que estes eram amparados pela lei<sup>11</sup>. É válido lembrar também que muitas mulheres eram, no mais das vezes, as responsáveis por organizar os salões onde se reuniam os grandes pensadores daquele século. Ao circularem por esses salões, de qualquer forma que fosse, elas adquiriam uma oportunidade de entrar em contato com as idéias iluministas e, por vezes, de expressar suas próprias idéias<sup>12</sup>. Outro português que defendia uma melhor condição para as mulheres foi Luís Antônio Verney. Esse religioso propôs que as mulheres recebessem uma maior atenção no tocante à sua educação. Segundo ele, elas deveriam ter acesso ao conhecimento que era gerado pelas *Luzes*. Porém, seu objetivo imediato não era uma equiparação de mulheres e homens. Através de sua proposta, ele queria que as mulheres se preparassem melhor intelectualmente porque elas eram as primeiras mestras das crianças. Deveria ser-lhes ensinado apenas aquilo que se desejasse que as crianças soubessem para que essas se tornassem súditos interessantes à Coroa<sup>13</sup>.

A realidade das mulheres portuguesas da época das Luzes, porém, distanciava-se bastante das propostas de Aires e Verney. As mulheres recebiam uma instrução muito precária no mais das vezes, voltada para a boa realização das tarefas domésticas.

---

<sup>11</sup> FURQUIM, Tânia Magali Ferreira. *Op. Cit.*

<sup>12</sup> HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*. Portugal: Editora Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes: 1974.

<sup>13</sup> VERNEY, Luís Antônio. *Verdadeiro método de estudar*. Porto: Editorial Domingos Barreira, s.d.

Qualquer coisa além disso era rara, quase inexistente. O grande questionamento que aparece no romance de Orta quanto o grau de instrução das mulheres tem um fundo pragmático. Uma vez que era de responsabilidade feminina educar as crianças com o intuito de formar um adulto capaz de inserir-se intelectualmente em sua realidade social, ela própria deveria também participar da vida intelectual. Ao defender tal proposta, a autora vai se aproximar em muito das idéias oriundas de Verney. De fato é muito possível que ela tenha sido influenciada diretamente pela obra deste, considerando o grande contato que ela teve com as idéias *ilustradas*. Tendo em vista tudo que foi posto acima, concluamos com o seguinte trecho do romance, em que se vê a defesa de uma explicação para a desigualdade das mulheres que remete às diferenças de oportunidades existentes entre os gêneros: “Não resplandece em todas a luz brilhante das ciências; porque eles ocupam as aulas, em que não teriam lugar, se elas a freqüentassem, pois temos igualdade de almas, e o mesmo direito aos conhecimentos necessários”<sup>14</sup>.

A função de educadora desempenhada pela mulher tinha grande importância para a Coroa, segundo a mentalidade lusa setecentista. Segundo tal vertente de pensamento, a família era a unidade fundamental do reino. Nela é que o indivíduo aprenderia a respeitar o soberano e a Deus, enfim, nela é que se formaria o súdito. Segundo essa ótica, o papel familiar desempenhado pela mulher cresce em importância de forma impressionante. De excluída social, ela passa a possuir importância fundamental para o bom funcionamento do reino. A unidade familiar, de certa forma, reproduzia as condições sociais vigentes no Portugal setecentista. Ao aprender a honrar e respeitar pai e mãe, criavam-se os mecanismos que possibilitariam a submissão ao Estado e à Igreja. Incentivava-se a formação de famílias, tanto em Portugal quanto nas colônias, não apenas com o intuito de aumentar-se o capital humano português; também se visava valer-se desse processo de educação materna para interiorizar os modelos comportamentais desejados pelo Estado e pela Igreja. Vale lembrar que o próprio Pombal era partidário desta concepção.<sup>15</sup>

A mãe deveria, segundo o romance em tela, evitar externar os “tenros sentimentos”, preocupando-se sobretudo em conquistar o temor e o respeito dos filhos:

“Os tenros sentimentos da mãe os não devem conhecer os filhos, e convém não brincar com eles desde muito pequeninos, porque desde então principia

<sup>14</sup> ORTA, Teresa Margarida da Silva e, *op. cit.*, p. 70-71.

<sup>15</sup> MAXWELL, Keneth. *Marquês de Pombal – Paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.



a obrar o respeito. Bem sabeis que o vosso maior cuidado se deve aplicar em que tremam, sendo ameaçados convosco, e que uma vossa palavras, ou olhar severo, sintam como o maior castigo; e como há ocasiões, que no falar pode ser grosseiro o cuidado, é preciso que o vosso enfado também dos olhos o entendam, e com a maior vigilância os ensinam a tremer a ira do Céu, a amar a honra, a verdade, a pobreza, as virtudes, e as letras.”<sup>16</sup>

A missão de educar o futuro súdito, somada à preocupação quanto ao resguardo do recato e da honra das meninas e moças, proibia que essas fossem educadas por estranhos. Se na educação dos meninos a presença de estranhos e mesmo criados poderia ter conseqüências indesejadas, o que seria possível imaginar se tal se desse com a educação das moças. Essas ficavam sob responsabilidade exclusiva da mãe. Através da orientação das matronas, além de evitar “acidentes morais”, tinha-se certeza de que os modelos comportamentais ideais dessa sociedade seriam transmitidos de forma segura.

Devido à importância do papel desempenhado pela mulher na família setecentista, havia grande medo desta acabar submetida a uma má educação, uma vez que esta seria transmitida à sua prole e assim por diante. Vejamos o que Delmetra disse a Antionor a esse respeito:

“Muitas vezes sucede que os pais têm toda a culpa nas inadvertências das filhas, pela muita delicadeza, e descuido, com que as criam; e são as duas deidades, em cujos semblantes vem a sua tormenta, ou bonança. A esta criação se segue o multiplicarem-se as loucuras, com o que se prende a razão, as paixões tomam forças, os desejos não têm medida, nem a vontade tem freio; e como um raio despedido vão do pátrio poder para a companhia dos maridos; e se alguma vez concordam com as suas vontades, é apoucando-lhes a autoridade, pois se não assemelham as qualidades do Sol com as da Lua, senão quando o tem eclipsado”<sup>17</sup>.

A grande importância do papel feminino no setecentos português também se manifestava na questão colonizadora. Ao anexar um território ao império português, a Coroa tinha a necessidade de inculcar naquela população, que agora estaria sob seus auspícios, os valores vigentes na sociedade lusa; valores esses que asseguravam o poder da própria Coroa e a posição da Igreja, peça fundamental do Estado português. Na ausência de uma estrutura que pudesse oferecer suporte para tal empreitada, como um sistema escolar, por exemplo, a instituição social encontrada para desempenhar tal tarefa foi a família; sendo a sua grande responsável a mulher, mais especificamente a

---

<sup>16</sup> ORTA, Teresa Margarida da Silva e, *op. cit.*, p. 85.

mãe. A ela cabia transmitir os modelos sociais que o Estado luso tanto necessitava. Essa idéia da necessidade da transmissão de certos valores é recorrente também no romance em questão. As estruturas intra-familiares defendidas pelas personagens do romance serão aquelas mesmas que se desejavam inculcar naquela juventude portuguesa, ou seja, lá também existe a preocupação com a boa educação das crianças, para que nelas se inculcassem os valores necessários à formação social desejada, no caso, aquela mais apropriada para a manutenção do Antigo Regime<sup>17</sup>. Uma vez que a portuguesa era de fato a responsável pela transmissão desses valores, e esses eram tidos como as grandes ferramentas colonizadoras, a mulher estava à frente do processo colonizador, ao menos parcialmente. Ela agia como a força colonizadora que criava a união entre os mais diversos pontos do império português. De seu aparente papel secundário e submisso, a mulher acaba por criar uma esfera de poder própria, limitada e sobreposta pelas demais. É verdade, mas ainda assim de vital importância para a manutenção e expansão do império português.

Após a leitura atenta do romance algumas questões surgem à mente. Por que o título *Aventuras de Diófanos* se, de fato, a personagem que dá mobilidade ao romance é Hemirena, travestida de Belino? Como Hemirena, uma vez travestida de Belino, é capaz de igualar-se, ou mesmo, superar os homens em suas proezas? Nas respostas a tais perguntas, esconde-se a verdadeira mensagem que D. Teresa Margarida tentava transmitir com seu romance.

Pensemos sobre a realidade de Hemirena, que era inspirada na realidade do Portugal do Antigo Regime. Como uma mulher sozinha poderia viajar durante anos sem que fosse molestada das mais variadas formas possíveis? Como conseguiu ser ouvida em pé de igualdade com os homens? Num primeiro momento, só havia um caminho. E Hemirena irá segui-lo sem hesitação. Ao travestir-se de Belino, ela busca obter o respeito e os direitos reservados apenas a um homem. Mas isso não parou por aí.

No decorrer de sua longa viagem, não basta a Hemirena vestir-se como um homem, mas várias situações obrigam-lhe a portar-se como um. Ao defrontar-se com tais situações, ela não reage conforme se esperava de uma mulher, muito pelo contrário; ela enfrenta todos esses desafios e os vence. Nesse momento da trama Hemirena, passa a condensar em si todas as qualidades louvadas nos homens: “Não parecia Belino dama delicada; porque como robusto soldado, animando os companheiros, se pegava com

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 98.

<sup>18</sup> FURQUIM, Tânia Magali Ferreira. *Op. Cit.*

incrível valor ao seu remo, até que permitiu o Céu, que abrandassem os mares”<sup>19</sup>. É nessa vida dupla de Hemirena que se fundamenta a grande bandeira levantada por D. Teresa Margarida. A personagem, ao agir como homem – e com grande sucesso –, põe por terra a máxima do pensamento luso setecentista de que a mulher seria inferior ao homem, de que não possuiria as mesmas capacidades que ele. Sendo, então, a mulher igual ao homem, capaz de realizar as mesmas tarefas, por que deveriam ser tão sufocadas pela misoginia e pelo patriarcalismo português? Segundo a proposta oculta nas entrelinhas do romance, era chegada a hora de mudanças. Não se desejava destruir a estrutura social então vigente, mas sim ampliar a gama de direitos e de participação da mulher portuguesa na sociedade, reafirmando assim a aproximação das idéias veiculadas no romance com a proposta de Verney. Segundo essa nova proposta para o feminino, surgia uma nova mulher, que amalgamaria o melhor de ambos os gêneros:

“Beraniza era sumamente agradável, tinha excessiva graça, desgarre, e afabilidade para com as gentes, e tão sabiamente ligava a estas amáveis qualidades o ânimo varonil, e os Reais pensamentos, que nos negócios políticos daquele Reino, e dos estranhos não se determinava coisa alguma, sem que o seu parecer aliançasse os acertos; porém tanto se entregava à dominante paixão dos estudos, que na gostosa conversação dos bons livros, e astronômicas observações passava insensivelmente os dias, e muitas noites”<sup>20</sup>

Beraniza e Hemirena seriam os protótipos dessa nova mulher. Ambas congregavam em si louvadas qualidades masculinas, mas sem esquecer de tratar daquelas tipicamente femininas. E mais interessante, quando se fala de qualidades femininas, não se faz referência aos execráveis maus hábitos das mulheres da Corte, mas apenas das qualidades daquelas que seguiam os ditames das *Luzes*. Vemos as duas sempre às voltas com o mundo das Letras e das ciências – o nome Hemirena, ressalte-se, pertence de fato a uma estrela<sup>21</sup>. Em Beraniza, florescem as qualidades e as preocupações do bom governante ilustrado, reafirmando a capacidade feminina e a ausência de distinção entre os sexos.

“Eu não ignoro, (lhe respondeu Beraniza) que sendo em vós muito preciso o estudo, é em mim aplicação curiosa; mas como para os encargos dos soberanos não há distinção de sexo, pois que o tempo, casos, e acasos

---

<sup>20</sup> Ibidem, p.165.

<sup>21</sup> BRANDÃO, Ceila Ferreira. *Mulher e literatura no século das Luzes ou reflexões sobre historiografia literária*. [http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista\\_mulheres/VOLUME5/55\\_ceila.html](http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/VOLUME5/55_ceila.html)

costumam repartir domínios, não deixa de ser conveniente, que se com a Astronomia me divirto, com a História também me instrua, pois nela observo que nem nos melhores homens se acha tudo o que é preciso para o bem público, porque em cada um deles há diversidade de gênios, idéias, inclinações, e aversões”<sup>22</sup>.

Somando as opiniões da autora Ceila Ferreira Brandão<sup>23</sup> com as apresentadas neste estudo do romance de D. Teresa Margarida, conclui-se que, através do travestismo de Hemirena e das ações da personagem Beraniza, a autora buscou mostrar que a mulher tanto era capaz de realizar seu papel de mãe, como também de realizar tarefa que antes estavam relegadas apenas ao universo masculino. Hemirena contesta e insere-se na mentalidade lusa de então; luta contra os perigos, mas também busca resguardar o recato e a honra. Tal mulher, representada por Beraniza e Hemirena, está muito mais próxima das mulheres da realidade portuguesa, que muitas vezes eram obrigadas a encabeçar a família e lutar pela subsistência sob as espadas da misoginia e do patriarcalismo, mas que também deveriam cumprir com os objetivos traçados pelo projeto normatizador do feminino.

Num primeiro olhar sobre o romance *As Aventuras de Diófanes*, pensa-se ser uma obra totalmente comprometida com a visão do feminino vigente no setecentos português. Apenas o que se vê é o grande esforço para a mulher adequar-se às normas que a agrilhoam. Mas isso representa apenas o primeiro plano. Por trás do verniz de preconceito e intolerância, podemos ver as *Luzes* vazando. Aos poucos D. Teresa Margarida vai deixando aflorar as inspirações da *Ilustração* em sua obra: a exaltação à natureza, o culto à razão como valor supremo, até um certo cientificismo, tão controverso em Portugal. Porém, mais importante que isso, é o fato de que a mulher começa a criar voz, de dentro da masmorra. Seu papel, que antes parecia secundário, agora torna-se vital. A mulher, até certo ponto, vai constituir a força civilizadora do império português. Sem a boa educação tão apregoada por Climinéia/Delmetra, torna-se impossível civilizar aos súditos. Se dela depende a formação do súdito, por que ela mesma não deveria ter acesso a uma educação mais esmerada? Por que não permitir que ela se *ilustre*? É bem verdade que tal melhoramento na educação feminina apregoado pelos *ilustrados* não objetivava a inserção total das mulheres no mundo das *Luzes*. Tal projeto de melhoria possuía um fundo pragmático: a melhoria na instrução das mulheres

<sup>22</sup> ORTA, Teresa Margarida da Silva e, *op. cit.*, p.168.

<sup>23</sup> BRANDÃO, Ceila Ferreira, *op. cit.*, loc. cit.

deveria apenas condições de formar um súdito mais bem instruído. Mas de toda forma, tal mudança já era significativa. No romance, encontramos: Beraniza, a princesa ateniense que busca portar-se como o melhor dos governantes; Hemirena, a princesa tebana que parte em busca dos pais a despeito de todos os perigos que iria enfrentar, valendo-se apenas de seu disfarce masculino. O que ambas têm em comum? A resposta é *virtude*. Virtude que antes estava reservada apenas aos homens, virtude essa que as coloca em outro patamar de comparação, levando a uma reflexão sobre as relações entre os gêneros; virtude essa que as traz para mais perto da realidade. Realidade composta por mulheres que, desvalidas da “proteção masculina”, são obrigadas a sobreviver e, por vezes, criar sua família, num mundo que as rejeita e discrimina. Mulheres essas que, assim como Hemirena e Beraniza, são obrigadas a rever as relações entre os gêneros, minimamente é verdade, para que possam triunfar. Isso tudo mantendo a eterna preocupação em guardar o recato e decoro, assim como a formosura.

Enfim, D. Teresa Margarida, além da importância que possui no âmbito da literatura em língua portuguesa, foi também uma voz importante na jornada por uma condição mais digna para o feminino no Portugal setecentista. Em momento algum ela questiona a estrutura social portuguesa, ela apenas busca ampliar o papel da mulher portuguesa nessa sociedade, uma vez que a vê tão capaz quanto os homens, aliando *formosura* e *virtude*.

## **1. Referências**

### **1.1. Fontes Primárias**

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

VERNEY, Luís Antônio. *Verdadeiro método de estudar*. Porto: Editorial Domingos Barreira.

### **1.2. Fontes Secundárias**

BLOEM, Rui. *O primeiro romance brasileiro (Retificação de um erro da história literária do Brasil)*. “Revista do Arquivo Municipal”, Vol. LI, São Paulo, Outubro de 1938. In: ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

- BRANDÃO, Ceila Ferreira. *Mulher e literatura no século das Luzes ou reflexões sobre historiografia literária*.  
[http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista\\_mulheres/VOLUME5/55\\_ceila.html](http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/VOLUME5/55_ceila.html). Acessado dia 25/01/2004.
- CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. 3.ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora. *Emergência histórica da instrução feminina no Brasil*. Sociedade brasileira de pesquisa histórica (SBPH). Anais da XXI reunião. Rio de Janeiro: 2001.
- DEL PRIORE, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino. *Revista brasileira de História*, São Paulo, 19 (37): 179-194, set. de 1999.
- DIAS, Maria Odila da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, (278):105-170, jan./mar. 1968
- FURQUIM, Tânia Magali Ferreira. *Aventuras instrutivas: Teresa Margarida da Silva e Orta e o romance setecentista*. Unicamp: 2003 [Dissertação de Mestrado].
- HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*. Portugal: Editora Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes: 1974.
- KIRSCHINER, Teresa Cristina. *Ecos do Iluminismo escocês no Brasil: José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu*. In: COSTA, Cléria Botelho da. (Org.). *Um passeio com Clio*. Brasília: Paralelo 15 Editores, 2002.
- LOPES, Marcos A. *Voltaire Literário: Horizontes históricos*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- MAXWELL, Keneth. *Marquês de Pombal – Paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996.
- MICHELET, Jules. *A feiticeira*. São Paulo: Aquariana, 2003.
- NEVES, Guilherme Pereira das. Do império luso-brasileiro ao império do Brasil (1789-1822). *Ler História*, Lisboa, (27-28): 75-102, 1995.
- PANTOJA, Selma. O atlântico no feminino. In: COSTA, Cléria Botelho da. (Org.). *Um passeio com Clio*. Brasília: Paralelo 15 editores, 2002.
- SOIHET, Rachel. Pisando no “sexo frágil”. *Nossa História*, Rio de Janeiro (03): 14-20, jan. de 2004.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VASCONCELOS, Sandra G. T. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: FFLCH-USP, 2000 [Tese de Livre-Docência].

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da vida privada no Brasil: vida privada e cotidiano na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 331-385.

\_\_\_\_\_. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 183-212.

\_\_\_\_\_. *Reformismo Ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. São Paulo: FFLCH – USP: 1999. [Tese de Doutorado]

XAVIER, Ângela Barreto; HESPANHA, Antônio Manuel. A representação da sociedade e do poder. In: HESPANHA, Antônio Manuel (coord.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 19, vol. 4.